

A velha Nova História

The old New History

NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogerio Forastieri da (orgs.). *Nova história em perspectiva*. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011, 552 p.

Jurandir Malerba

jurandir.malerba@pucrs.br

Professor adjunto

Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul

Av. Ipiranga, 668 - Partenon

90619-900 - Porto Alegre - RS

Brasil

Palavras-chave

Historiografia; Annales; Nova história cultural.

Keywords

Historiography; Annales School; New cultural history.

279

Enviado em: 18/9/2012

Aprovado em: 25/11/2012

Vem a público mais um belo livro, numa edição como sempre primorosa da editora Cosac Naify: *Nova história em perspectiva*, organizado por Fernando A. Novais e Rogério F. da Silva, respectivamente mestre decano e discípulo da Universidade de São Paulo. Os autores indicam tratar-se de um primeiro volume, "Propostas e desdobramentos", ao qual prometem que seguirá um segundo, "Debates". Este primeiro, de que ora nos ocupamos, divide-se em duas partes. Sob o rótulo de "propostas", reúnem-se quatro ensaios clássicos das primeiras três gerações da famosa "escola" francesa dos *Annales*: o manifesto "Face au vent – manifest des *Annales Nouvelles*", de 1952, quase que uma *mea culpa* de Lucien Febvre por ter se sujeitado às interdições nazistas de retirar os judeus do conselho editorial da revista, opção oposta ao do outro mentor da famosa revista, Marc Bloch (essa diferença de opiniões levou à ruptura entre ambos na primavera de 1942); em segundo lugar, o também célebre "História e Ciências Sociais: a longa duração", publicado na *Annales ESC* por Fernand Braudel em 1958, no contexto da contenda contra Claude Lévi-Strauss e o estruturalismo; e outros dois textos-manifestos assinados, o primeiro, por Jacques Le Goff e Pierre Nora (a apresentação a *Faire L'Histoire*, de 1974) e, o segundo, por Le Goff, solo, "L'Histoire Nouvelle" (1978), panfleto pró-terceira geração dos *Annales*, ditos "das mentalidades" ou antropologia histórica. Seguem-se outros quinze textos muito conhecidos, a maioria com um viés de "bandeira de geração", como os dois de Emmanuel Le Roy Ladurie, Pierre Chaunu, Maurice Aymard, Philippe Ariès, André Burguière, Michel Vovelle e Paul Veyne, cujos eixos temáticos são a história econômica e a longa duração e/ou as mentalidades e a antropologia histórica. Destoam do conjunto os dois ensaios do historiador italiano Massimo Mastrogregori – que é um estudioso crítico da "escola" francesa, mas, à diferença dos outros referidos, não um "discípulo" dela –, o do crítico literário Hayden White (que não tem absolutamente nada a ver com essa história) e o clássico ensaio-manifesto do historiador americano James Harvey Robinson, "The New History", de 1912, que tem muito menos relação ainda e que comentarei a seguir.¹

Precede à antologia propriamente dita uma longa introdução, assinada a duas mãos pelos organizadores, "Para a história da historiografia da Nova História". Foi em vão que procurei neste ensaio a apresentação da justificativa e do planejamento da obra, ou seja, os critérios de inclusão dos textos escolhidos e não de outros também relacionados à "nova história" francesa. Nada se explicita, mas é facilmente perceptível a valorização de uma linhagem dos *Annales*, aquela da geografia humana do primeiro Lucien Febvre de *La terre et l'évolution humaine*, sintomaticamente o orientador da clássica tese de Fernand Braudel, o mentor da geo-história, chegando à história econômica de Chaunu e Aymard. Inexplicavelmente, o legado de Marc Bloch parece não fazer parte dessa história dos *Annales* restaurada na e pela antologia em apreço. Ao que tudo indica, os autores estão presos à avaliação daquela corrente feita durante

¹ A bibliografia sobre os *Annales* é maior que os próprios. As observações a seguir apoiam-se nos trabalhos clássicos de François Dosse (especialmente 1992), todos traduzidos, e mais em GRINBERG; TRABUT 1991; GRÉARD; GRINBERG; TRABUT 1995; AGUIRRE ROJAS 2000; CARRARD 1995; COUTAU-BÉGARIE 1989; STOIANOVICH 1976; BOURDE; MARTIN 1997.

os anos 1970 e 1980, quando o espólio de Bloch ficou eclipsado.² Grandes nomes da segunda geração, como Georges Lefebvre, Ernest Labrousse, Pierre Goubert, Robert Mandrou e Charles Mozaré, que também ficaram à sombra de Braudel, não participam na obra nem como figurantes.³

Outro ponto que chama a atenção do especialista é o endosso tranquilo da história das mentalidades, que promoveu uma ruptura radical com o legado anterior, ao negar os pilares em que se assentava a proposta dos *Annales* das duas primeiras gerações: a noção de história-problema, o diálogo com o marxismo, a história como ciência em construção, o interesse na história econômica e social e, sobretudo, a noção de totalidade. Essa terceira geração, que viveu o paradoxo do apogeu do poder econômico e midiático (seus autores viraram *best-sellers*) e da implosão de um projeto historiográfico que naufragou nos editoriais de 1989 da revista, foi bombardeada por todos os lados.⁴ O primeiro a romper com ela foi o próprio Braudel, ao sentenciar que:

Se meus sucessores preferem estudar as mentalidades em detrimento da vida econômica, pior para eles! De minha parte, não estudaria as mentalidades sem considerar o restante. [...] Eu, que sou promotor da história globalizante, não posso estar de acordo com isso. Abandonei os *Annales* a meus sucessores (BRAUDEL 1978).

Depois de Braudel, críticas pulularam dentro da própria revista por expoentes como Guis Bois e Pierre Vilar, dentro da França, com o grupo do *Le Debat*, fora dela, com os marxistas britânicos, e tantos outros autores. Críticos como Hervé Coutau-Bégarie, Carlos Antonio Aguirre Rojas, François Dosse, Lutz Raphael, Traian Stoianovich, Immanuel Wallerstein, Josep Fontana, Georg Iggers, Lucette Valensi e tantos outros definitivamente sepultaram aquela história das mentalidades. Sem outra prevenção ou referência à longa crítica já acumulada pela história das mentalidades, pode-se entender o livro em tela como uma reabilitação ou endosso – um tanto ou quanto extemporâneos! – daquela história das mentalidades ou antropologia histórica.⁵

A mesma postura de obliteração – como mencionado em relação à linhagem blochiana dos *Annales*, aos autores da órbita da revista que ficaram à margem do projeto da geo-história à época de Braudel, a toda a crítica existente à história das mentalidades – presente na composição da antologia também perpassa as 63 páginas de sua introdução. Ao concluir-se sua leitura, tem-se a impressão de que a obra em análise inaugura o estudo e a pesquisa da história da historiografia

² Olivier Dumoulin mostra em números esse menor interesse por Bloch nos anos de vigência da história das mentalidades, nas décadas de 1970 e 1980, *grosso modo*, em favor da sacralização do legado de Febvre na historiografia francesa desse período. As causas prováveis seriam o avanço da história das mentalidades, o diálogo com o estruturalismo e a longa duração. Cf. DUMOULIN 2000.

³ Para abordagens críticas do "arquiteto Braudel", além de *A história em migalhas*, de Dosse (1992), Cf. CEDRONIO 1989; DUBY 1991; FONTANA 1974; GOBERNA FALQUE 1994; VAYSSIERE; BIZIERE 1995. Sobre o impacto do estruturalismo de Lévi-Strauss nos *Annales* de Braudel, Cf. MALERBA 2007; 2008 (reunidos em MALERBA 2011).

⁴ Para um entendimento profundo do "giro crítico", Cf. REIS 2009. Para uma abordagem crítica, Cf. DELACROIX 1995.

⁵ No Brasil, José Carlos Reis (1994) talvez tenha sido o primeiro historiador entre nós a propor uma sólida interpretação crítica, não colonizada, da trajetória dos *Annales*. Além dos autores citados na Nota 2, ver também AGUIRRE ROJAS 2004; BOUREAU 1989; LLOYD 1993.

dos *Annales*, quiçá o próprio campo da história da historiografia entre nós, como se rios de tinta já não tivessem sido vertidos por historiadores da mais alta competência no assunto. Já se vão alguns lustros desde que importantes historiadores brasileiros começaram a escrever boa história da historiografia teoricamente orientada.⁶ Para não nomear individualmente, basta lembrar o grupo que mantém esta revista, *História da historiografia*, e que promove anualmente, desde 2005, o seminário da área, que cresceu tão vertiginosamente a ponto de demandar a organização dessa especialidade em torno de uma associação. Atitude aristocrática e sectária aquela, pois, que desdenha da contribuição alheia e se volta para o próprio espelho, típica de uma época em que os *Annales* eram o único polo exportador de historiografia mundial e a historiografia brasileira, prerrogativa de dois ou três *loci*. No entanto, com a profissionalização da área acentuada nas duas últimas décadas, assim já não é mais.

Em perspectiva global,⁷ a historiografia ocidental superou o colonialismo francês e pulverizou-se em várias matrizes produtoras importantes. A Alemanha retomou lugar de destaque como matriz inspiradora com sua história social, sua história conceitual e o debate teórico de fundo. Assim também da Inglaterra saiu uma matriz de história social, tributária dos meios marxistas, que inspirou e até hoje inspira muito do que melhor se produz no Brasil. A Itália, com a micro-história, e os estudos culturais norte-americanos também nos influenciaram extensamente. A historiografia de gênero grassa sem fronteiras. A historiografia latino-americana (com o Brasil incluído) se beneficiou de tudo isso e, em vários países, obras-primas têm sido produzidas.⁸ Para além de Greenwich, vale o registro, da Escandinávia ao Japão, da Rússia à Índia, o modo como se pratica o ofício de historiador beneficia-se de tradições culturais (orais e escritas) de fundo normativo milenares, que se confrontaram desde o século XIX com a racionalidade da matriz histórica ocidental, primeiramente germânica, resultando em riquíssimas historiografias nacionais que nós, por provincianismo ou despreparo, ativamente ignoramos.⁹

No Brasil, apesar dos vícios de origem que marcam nosso meio acadêmico e, por extensão, historiográfico, muito recentemente, em torno de uns vinte anos para cá, assiste-se, por força de um arremedo de "reforma pombalina" no seu sistema de pós-graduação, a uma saudável descentralização da produção histórica no país. Os velhos centros continuam sendo muito importantes e continuarão a sê-lo, mas já não estão sozinhos. Historiadores brasileiros romperam o pacto colonial e foram fazer seus doutoramentos e pós-doutoramentos diretamente em universidades estrangeiras (e não mais portuguesas ou francesas apenas). Tiveram contato direto com novos e distintos modos de prática do ofício, os trouxeram, amalgamaram, depuraram, e, antropofagicamente, canalizaram-nos

⁶ Ver um tratamento sistemático do conceito em BLANKE 2006.

⁷ Cf IGGERS; WANG; MUKHERJEE 2008, que resenhamos em *História da historiografia*, MALERBA 2009.

⁸ A título de exemplo das referidas abordagens na historiografia brasileira: Cf. JASMIM 2005; JASMIM; FERES JUNIOR 2006; GERTZ; CORREA 2007; *História social* 1997-1998 (Dossiê História Social Inglesa); VAINFAS 2002; LIMA 2006. Para uma visão de conjunto das recentes tendências na historiografia americana, Cf. MALERBA 2010.

⁹ Cf. MALERBA; AGUIRRE ROJAS 2007.

a favor da renovação operada gradual, mas inexoravelmente nestas duas últimas décadas, renovação que qualquer observador atento é capaz de identificar. Claro que não se podem menosprezar outros fatores que potencializaram esse estreitamento, como a revolução nos meios de comunicação, cujo impacto na estrutura acadêmica e em seus produtos merece uma investigação à parte.

Assim, alguma explicitação de premissas, critérios e orientações teóricas daria alguma luz ao leitor na compreensão das presenças e ausências na obra em apreço. Cada um dos textos individualmente ganharia em frescor e sentido com algum pequeno exórdio ou com notas acrescidas. No entanto, os textos foram apenas traduzidos e reunidos, sem outra linha de organização que não a introdução dos organizadores, lacônica para esse fim. Por um desses subterfúgios talvez fosse possível atingir algum entendimento do porquê da inclusão de um Robinson nesse conjunto. Essa presença extravagante em tal medida que me obriga a deter-me nela.

Quando se fala sobre uma “nova” história social, uma “nova” história econômica, uma “nova” história do trabalho, uma “nova” história política, ou qualquer outro tipo de história “nova” nos Estados Unidos, imediatamente se evoca a *New History* produzida na América na primeira década do século XX. Seja na docência na Universidade de Columbia e/ou em seus livros produzidos em parceria, Charles A. Beard e James Harvey Robinson pugnaram por rejeitar o formalismo e o foco político estreito de seus predecessores. Essa é uma história pouco falada no Brasil e vale a pena contá-la. Ambos trabalharam no sentido de estender o campo profissional da história, e Robinson deu um nome e um programa para o movimento em seu livro *The New History*, publicado um século atrás, no remoto ano de 1912. A nova história, como entendida por Beard e Robinson, era interdisciplinar, um estudo da civilização em si, e atingiu em cheio as preocupações do leitor educado da época. Aquele livro, realização mais famosa de Robinson, exerceu grande e duradoura influência sobre o pensamento e a escrita histórica americanos. Essa influência se deveu em parte à atenção que granjeou em função do título apropriado e apelativo, em parte pela apresentação conveniente da maioria das observações de Robinson sobre o que a “nova história” deveria ser. Mas o conteúdo do livro já não era “novo” nem para o próprio Robinson (Cf. GROSS 1974, p. 53-58; BENDER 1984, p. 612-622).

O primeiro capítulo, sobre os contrastes entre a nova história – cultural – e a velha – história política, episódica e biográfica –, apareceu pela primeira vez como um artigo em 1900, e os capítulos seguintes eram artigos e palestras publicados na primeira década do século XX. Aqui, dois pontos já gritam em relação à *nouvelle histoire*. Primeiro, que a americana precede a francesa em quase três décadas. Em segundo lugar, a renovação estaria, para os americanos, em confrontar à história política e factual uma história “cultural”, que foi como crismaram a então nascente história intelectual norte-americana, a qual ganharia todo seu prestígio uma geração mais tarde com nomes como Arthur Lovejoy, fundador do *Journal of the History of Ideas* em 1940 (Cf. HIGHAMM 1951, p. 453-471; KLOPPENBERG 1989, p. 1011-1030). Mais do que isso, como o próprio

Robinson era suficientemente bem formado na história da escrita histórica para saber, a nova história não era invenção exclusiva sua. Pouco influenciado por seus predecessores e contemporâneos europeus, ele conhecia muito bem livros como *A History of the Warfare of Science With Theology in Christendom* (1896), de Andrew D. White;¹⁰ *Literary History of the American Revolution: 1763–1783* (1897), de Moses Coit Tyler;¹¹ *Mont-Saint-Michel and Chartres* (1904), de Henry Adams;¹² e o trabalho de Frederick Jackson Turner e seus alunos sobre o efeito da fronteira Oeste sobre a cultura e o pensamento americanos.¹³ Esses são só alguns dos autores que já haviam abandonado a antiga história política e episódica. O que Robinson fez foi batizar os novos anseios e projetos da escrita e do pensamento históricos para fundar um movimento em torno de si e realmente escrever exemplarmente a história nos termos de sua concepção da disciplina. Tudo isso para dizer que, por mais que esgotemos nossos parcos conhecimentos de teoria e história da historiografia, somos incapazes de vislumbrar qual a razão de ser de Robinson numa coletânea sobre a *nouvelle histoire* senão pela simples coincidência dos nomes dos dois movimentos.

Num balanço final, acabei não encontrando muito sentido na produção de uma edição cara cuja quase totalidade dos textos, ademais, está disponível em espanhol ou mesmo em português e cuja introdução – que não define seus critérios de inclusão, omite a crítica e decreta a morte cívica dos que já escreveram sobre o assunto, além de descurar de todo o aparato teórico-metodológico do campo da história da historiografia, cada vez mais consolidado inclusive no Brasil – já surge obsoleta. Afinal, a partir de determinado momento que já vai longínquo, não dá para levar a sério uma abordagem de história da historiografia que não considere despropositado conceituar dois períodos de uma história qualquer a partir da clivagem “tradicional” *versus* “moderno”.

284

Referências bibliográficas

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. **Os Annales e a historiografia francesa: tradições críticas de Marc Bloch a Michel Foucault**. Traduzido por Jurandir Malerba. Maringá: Eduem, 2000.

_____. **Uma história dos Annales (1901-2001)**. Maringá: Eduem, 2004.

BENDER, Thomas. The New History - Then and Now. **Reviews in American History**, v. 12, n. 4, p. 612-622, 1984.

BLANKE, H. W. Para uma nova história da historiografia. In: MALERBA, J. (org.). **A história escrita**. São Paulo: Contexto, 2006.

¹⁰ Disponível em: <http://archive.org/details/cu31924022599322>. Acesso em: 10/4/2012.

¹¹ Disponível em: <http://archive.org/details/literaryhistoryo01tyleiala>. Acesso em: 10/4/2012.

¹² Disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/4584>. Acesso em: 10/4/2012.

¹³ Turner é base do movimento da *New History*. Dentre seus principais trabalhos, destacam-se: TURNER 1921 (disponível em: <http://archive.org/details/frontierinameric010200mbp>.); *Rise of the New West, 1819-1829* (disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/3826>); e o discurso presidencial na AHA intitulado “Social Forces in American History” (disponível em: http://www.historians.org/info/AHA_History/fjturner.htm) Acessos em: 12/4/2012.

- BOURDE, Guy; MARTIN, Hervé. **Les écoles historiques**. Paris: Seuil, 1997.
- BOUREAU, Alain. Propositions pour une histoire restreinte des mentalités. **Annales. E.S.C.**, Paris, ano 44, n. 6, p. 1491-1504, 1989.
- BRAUDEL, F. En guise de conclusion, **Review**, I, 3/4, p. 243-253, Winter/Spring, 1978.
- CARRARD, Philippe. **Poetics of the New History**. French Historical Discourse from Braudel to Chartier. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1995.
- CEDRONIO, Marina. Introduzione: Labrousse nella storiografia della Rivoluzione. In: LABROUSSE, Ernest. **Come nascono le Rivoluzione**. Turin: Bollati Boringhieri, 1989.
- COUTAU-BÉGARIE, Hervé. **Le phénomène nouvelle histoire**. Grandeur et décadence de l'école des Annales. Paris: Economica, 1989.
- DELACROIX, Christian. La falaise et le rivage: histoire du 'tournant critique'. **EspacesTemps**, Paris, n° 59/60/61, 1995. Disponível em http://www.ihtp.cnrs.fr/historiographie/sites/historiographie/IMG/pdf/DelacroixTC_DEF_pour_site_IHTP.pdf. Acesso em: 10/1/2013.
- DUMOULIN, Oliver. **Marc Bloch**. Paris: Presses de Sciences Po, 2000.
- DOSSE, François. **A história em migalhas**. São Paulo: Ensaio, 1992.
- DUBY, Georges. **L'histoire continue**. Paris: Odile Jacob, 1991.
- FONTANA, Josep. Ascens i decadencia del'escola dels Annales. **Recerques**, Barcelona, n. 4, p. 283-298, 1974.
- GERTZ, René E.; CORREA, Silvio Marcus de S. (orgs.). **Historiografia alemã pós-muro: experiências e perspectivas**. Passo Fundo/Santa Cruz do Sul: UPF Editora/EDUNISC, 2007.
- GOBERNA FALQUE, Juan Ramon. La cofradía de los historiadores. Estudio de los mecanismos institucionales de la Escuela de los Annales durante la era Braudel. **Historia y crítica**, Santiago de Compostela, n. IV, p. 85-120, 1994.
- GRÉARD, Catherine; GRINBERG, Martine; TRABUT, Ivette. **Table analytique des Annales**. Economies. Sociétés. Civilisations. 1989-1993. Paris: Armand Colin, 1995.
- GRINBERG, Martine; TRABUT, Ivette. **Vingt années d'histoire et des sciences humaines: table analytique des Annales (1969-1988)**. Paris: Armand Colin, 1991.
- GROSS, David. The "New History": A Note of Reappraisal. **History & Theory**, v. 13, n. 1, p. 53-58, Feb. 1974.
- HIGHAM, John. The Rise of American Intellectual History. **The American Historical Review**, v. 56, n. 3, p. 453-471, 1951.
- HISTÓRIA social** (Revista da pós-graduação em história da Unicamp), Dossiê História Social Inglesa, n. 4/5, p. 1-241, 1997-1998.

- IGGERS, Georg G.; WANG, Q. Edward; MUKHERJEE, Supriya. **A Global History of Modern Historiography**. London: Pearson-Longman, 2008.
- JASMIM, Marcelo G. História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares. **RBCS**, v. 20, n. 57, p. 27-38, 2005.
- JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JUNIOR, João (orgs.). **História dos conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: editora da PUC-RJ/Loyola, 2006.
- KLOPPENBERG, James T. Objectivity and Historicism: A Century of American Historical Writing. **The American Historical Review**, v. 94, n. 4, p. 1011-1030, 1989.
- LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LLOYD, Geoffrey. **Pour finir avec les mentalites**. Paris: La Découverte, 1993.
- MALERBA, Jurandir. A História e os discursos: uma contribuição ao debate sobre o realismo histórico. **Locus**, Juiz de Fora, v. 12, p. 41-78, 2007.
- _____. Estrutura, Estruturalismo e História Estrutural. **Diálogos**, Maringá, Vol. 12, p. 19-55, 2008.
- _____. Historiografia moderna em perspectiva global. **História da historiografia**, n. 3, p. 167-173, 2009.
- _____. **La historia en América Latina: ensayo de crítica historiográfica**. Rosario (Argentina): Prohistoria, 2010.
- _____. **Ensaio**: teoria, história & ciências sociais. Londrina: EDUEL, 2011.
- MALERBA, Jurandir; AGUIRRE ROJAS, Carlos (org.). **Historiografia contemporânea em perspectiva crítica**. Bauru: EDUSC, 2007.
- REIS, José Carlos. **Nouvelle Histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel**. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. **História, a ciência dos homens no tempo**. 2ª ed. Londrina: Eduel, 2009.
- STOIANOVICH, Traian. **French Historical Method: the Annales paradigm**. Ithaca-Londres: Cornell University Press, 1976.
- TURNER, Frederick Jackson. Social Forces in American History. **American historical Review**, n. 16, p. 217-33. Disponível em http://www.historians.org/info/AHA_History/fjturner.htm. Acesso em: 16/4/2012.
- TURNER, Frederick Jackson. **The Frontier in the American History**. New York: Holt, 1921.
- VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da História: microhistória**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- VAYSSIERE, Pierre; BIZIERE, Jean-Marie. **Histoire et historiens**. Paris: Hachette, 1995.